



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

9 de Setembro de 2000 • Ano LVII - N.º 1474
Preço 40500 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

África

UMA quinzena atrás, na página de Economia do Jornal de Notícias, lia-se, em letras bem negras, este título: «*Duplicação de verbas autonomizaria África*»; seguido de um subtítulo naturalmente menos vistoso: «*ONU aponta 2010 como data do fim da dependência africana. Para tal é preciso um programa de ajuda maciça*».

A contradição surge logo neste cimo de página entre a afirmação presente no subtítulo e o condicional do título. E continua e ganha forma ao longo do artigo, que começa por hipóteses cor-de-rosa — «*O plano de ajuda maciça (...) poderia dar origem a 'um círculo virtuoso' que estimulasse a poupança e os investimentos nacionais, e atraísse os investidores privados estrangeiros, perante a possibilidade de encontrarem um novo 'el dorado', acelerando, por consequência, o crescimento da Região*» — e termina pelo registo de «*um decréscimo, desde 1970, do fluxo de verbas para a África subsariana*» e do «*desinte-*

resse internacional potenciado por perspectivas mais rendíveis 'noutras latitudes'» — «*o que leva a pensar mais num círculo vicioso do que num virtuoso*».

O parecer final e inequívoco do articulista vejo-o no pé da fotografia impressionante de duas crianças, assim legendada: «*Africanos continuam reféns da boa vontade do primeiro mundo*».

Mas o primeiro mundo não tem boa vontade, tem interesses!

Foi dominado por eles ao traçar o mapa político de África na Conferência de Berlim. Foi-o durante um século de regime colonial. E continua a sê-lo, e cada vez mais mentiroso, proclamando a descolonização e re-inventando sempre novas formas de colonizar. A «*bondade internacional*» (cito a ironia do jornalista a que me reporto) expressa, por exemplo, na profusão das ONG's em campo, é um negócio da china cujos dividendos, chegam em ínfima parcela aos destinatários que as motivam. Fazem imediatamente algum bem, mas deixam, a médio e longo prazos, um rasto de mal, o qual é, fomentar uma certa indolência congénita que cristaliza em inércia total, em expectativa de que sempre virá quem dê um mínimo com que se entretêm as necessidades fundamentais do homem, pelo preço da destruição da sua dignidade.

Continua na página 4



Ontem era assim. Hoje, na Massaca e em Pecoco há já setenta casas construídas!

MOÇAMBIQUE

Construção de casas

COMO gostava de sair por aí fora, passar por essas terras atingidas pelas inundações, ver como o Povo se está refazendo, como vão tendo melhores condições de habitação fora de áreas de perigo, enfim, gozar a vida que renasce em cada pessoa.

Mas até o chegar à Cidade me tolhe a vontade de sair. A adaptação da estrada da Matola, ao trânsito que vem da África do Sul, embaraça tanto, tanto, que ir e vir não se faz em menos de três horas. Quando possível saio apenas uma vez por semana, ficando por lá o dia todo, a contos com as voltas inadiáveis.

Tenho pena mesmo e limito-me a visitar os dois canteiros de obras que

temos, onde a população abre os alcerces, faz os seus blocos e depois com um pedreiro que já aprendeu aqui, na Aldeia, vão levantando as pequeninas casas, ainda só com duas divisões. Na Massaca e em Pecoco estão construídas setenta casas com as respectivas latrinas.

Entretanto, já começaram a ser rebocadas e até caiadas por dentro e por fora. Tudo igual, mas bem alinhado. Se alguma diferença pudermos fazer, será apenas na cor e no aproveitamento que os seus habitantes dão ao terreno que as circunda. Quando começarem as chuvas hão-de ir árvores, do nosso viveiro, para sombra; de fruta algumas até já plantaram. Dá gosto ver como cuida cada um do seu

canteiro plantando tudo o que podem, a pensar no seu proveito futuro. É tão difícil, noutras circunstâncias, descobrir neles essa preocupação. Acompanhá-los neste crescer, em que certamente o sofrimento que passaram teve um benéfico efeito, gera em mim o mesmo sentimento que ao passar junto dum campo bem cuidado onde se advinha uma colheita abundante.

Embora a minha participação seja mínima, sinto-me feliz e esperançado no crescimento deste Povo. É benéfico dar-lhes oportunidade de trabalho remunerado, apesar de ser naquilo que é seu, mas que, sem dúvida, é o melhor meio de melhorar a qualidade da habi-

Continua na página 4

CALVÁRIO

Lugar vazio

A restante senhora que temos ao serviço dos doentes está fora do Calvário em descanso.

Aos domingos e feriados nem cozinheira temos. Nestes dias ando pelas redondezas a mendigar alguém que nos venha confeccionar as refeições.

A situação é de extrema penúria. Os doentes, é certo, executam, e diligentemente, inúmeras tarefas, mas não lhes podemos pedir mais. Pois, já pedimos aos cegos que vejam, aos coxos que andem e aos surdos que ouçam os gemidos dos mais fracos. E eles vêm! É uma invisual que distribui a comida. E eles andam! É outra doente de muletas que faz a higiene às acamadas da sua casa. E eles escutam o chamamento dos que têm sede ou precisam de ajuda! O Luís, autista, anda numa roda viva, o dia todo, atendendo às súplicas dos que se encontram na cama.

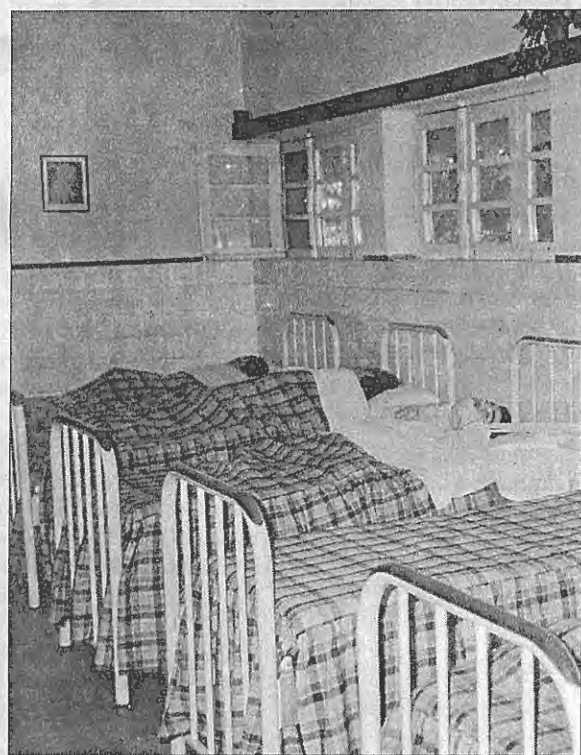
Noutros tempos, já longínquos, em época de férias apareciam por aqui muitos voluntários. Agora ninguém se oferece. Ninguém aceita a oferta desta ocasião para se dedicar aos mais pobres. Há outros atractivos mais sedutores a cativarem os homens. Toda a gente quer ganhar a vida, gozar a vida. Ninguém está disposto a perdê-la desta maneira. Cálculos humanos sempre tão falíveis!

Pobre Igreja a que pertencço, em que aquilo que devia ser uorma é excepção — servir os mais pobres dos pobres.

Pobre Igreja, a minha, que se deixa arrastar pela *ratio* e *modus vivendi* da sociedade contemporânea.

Pobre Igreja esta que não quer amar! *Quantum mutata ab illa!*

Padre Baptista



O Luís, autista, anda numa roda viva, o dia todo, atendendo às súplicas dos que se encontram na cama.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AUTOCONSTRUÇÃO — Na edição de 29 de Julho, em nota com este subtítulo, referimos a família que se aventurou a reparar sua casa com o produto de pequenina herança, para deste modo procurar conseguir tecto condigno.

Para o serviço — caso típico de Autoconstrução — além da nossa, recebem ajuda de companheiros de trabalho, de freguesia vizinha, um deles mestre de construção civil.

Sendo necessário acompanhar a obra, em uma das vezes que por lá passámos, no fim do almoço, topámos aquela gente a petiscar e, na mesa, uma caneca de barro com vinho verde da Região para refrescarem a garganta.

Era a mesa cheia de gente, na ponta do quintal, à sombra do arvoredo. Gostámos da simpática partilha d'amizade e cooperação. Ao ar livre, novos e menos novos dando-se as mãos fraternalmente.

O casal beneficiário é de meia idade: ele com cinquenta, ela com quarenta e dois anos. O marido trabalha no sector d'obras numa autarquia. Ela não pode mais do que tratar da prole: seis cachopos! É mãe que dá educação cristã: acompanha os filhos à catequese, aos actos de culto, etc.

Já liquidámos ao fornecedor a laje de tecto e a telha da casita. E, futuramente, parte do que for mais oneroso para ultimação da obra.

Mãos juntas, um familiar ofereceu, entretanto, o conjunto de louça de quarto de banho e outras coisas mais.

Alfívio para a caminhada, que o Inverno não tarda!

O PESSIMISMO — «Se o retrato do mundo fosse exactamente aquele que nos é dado, com tanta frequência, pelos órgãos de comunicação social, poderíamos concluir que a vida de hoje seria feita apenas de desgraças, de misérias, de injustiças, de egoísmos, de sombras. Sabemos, no entanto, que, felizmente, não é de todo assim. Este mundo é feito também de desenvolvimento social e cultural, de progresso, de preocupação com a justiça, de manifestações de partilha. As sombras são muitas, mas não chegam para tapar a luz das boas obras, da dedicação e do amor que podemos descobrir em todos os cantos da terra.

O cristão vicentino tem pois motivos para não cultivar nem

aceitar o pessimismo. Apesar de conhecer, muito melhor do que a maior parte dos homens, o lado sombrio do mundo, ele experimenta e partilha também a outra face: a face da luz que vem do amor, da entrega e da preocupação com os outros. A Sociedade de S. Vicente de Paulo, embora com os seus carismas particulares, com os seus objectivos e métodos específicos, é apenas uma entre as muitas organizações, cujos membros se dedicam à tarefa de eliminar ou suavizar as situações de tragédia, de desumanidade e injustiça que atingem milhões de seres humanos.

A existência de tantos homens e mulheres empenhados generosamente em tarefas sociais, é, só por si, a prova de que, afinal, este mundo não é feito apenas de sombras e que vale a pena continuar a acreditar no futuro da Humanidade. Por isso, e sobretudo porque tem fé, o vicentino não aceita nem promove o pessimismo.»

(Editorial de Escalada, mês de Julho, órgão do Conselho Central do Porto da S.S.V.P.)

PARTILHA — Paço de Arcos: Sete mil, da assinante 5564. «Importância muito pequena, dada com muito carinho. Deus vos ajude sempre, estimulando as vossas 'forças' no desempenho da santa missão de auxiliarem quem mais precisa».

Presença da assinante 14493, do Porto, com «a contribuição habitual, sendo o restante para o que for mais necessário». Retribuímos «os votos de boas férias».

Mem Martins: Pequena quantia, da assinante 66349, «para ser aplicada na ajuda urgente a quem dela necessite. Agradeço o auxílio que nos dão, proporcionando que eu cumpra uma obra de Misericórdia. Considerem esta partilha anónima. Nem é preciso recibo». Retribuímos os votos sobre a Ordenação do Padre

Manuel Mendes. Tendo ainda o gosto de comunicar que o óbolo foi destinado à reparação do telhado e do soalho duma octogenária, pobre anciã, solitária, cujo prédio estaria na iminência de ruir!

Assinante 19148, do Porto: «Pequeno donativo que gostaria fosse aplicado em despesas da 'famosíssima' farmácia». Cumprimos. E, como na oferta anterior, agradecemos os votos expressos.

Donativo com duas intenções, da assinante 22890, de Rio de Mouro: «Oxalá tenhais recebido muitos mais para, assim, poderdes continuar a vossa missão».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

COLHEITA DA BATATA — Já terminou e a produção não foi má. Superou mesmo as nossas expectativas.

Damos graças a Deus por tudo isso.

E esperamos continuar a ter igual fartura no próximo ano.

FUTEBOL — A equipa de iniciados participará num torneio de futebol de cinco.

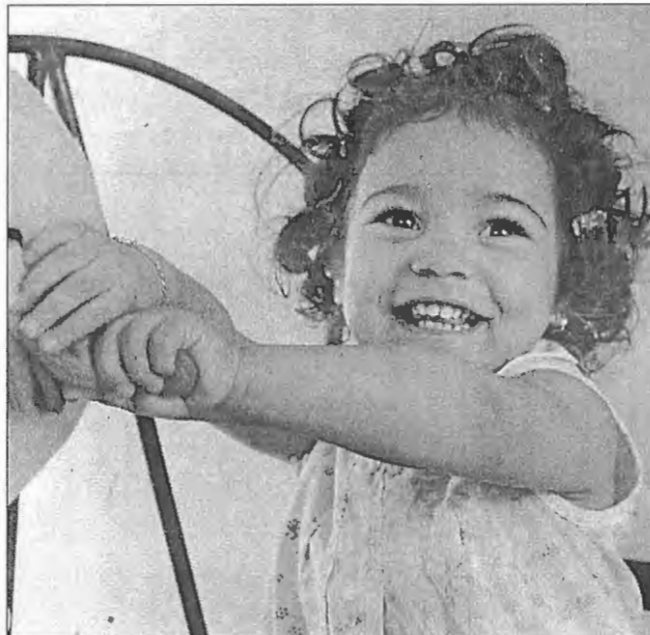
Gostaríamos de ganhar o respectivo campeonato... Mas, se não vencermos, aceitaremos a derrota com desportivismo...

PRAIA — O terceiro turno já regressou da praia.

Todos vieram morenos, muito contentes pelas boas férias na casa de Azurara (Vila do Conde).



Um turno, de Paço de Sousa e Beire, na praia de Azurara (Vila do Conde).



Margarida Cristina, filha da Paula e do Lupricínio.

MUDANÇAS — Aqui, em nossa Casa, estão quase a chegar. E a malta gosta desta altura do ano porque ficamos a conhecer melhor outras obrigações que há em nossa Aldeia. Enfim, os rapazes estão contentes por mudar de poiso.

PISCINA — A malta gosta muito de dar mergulhos e a piscina foi feita para isso mesmo. Que todos se divertam com alegria, para bem da sua saúde.

PADRES DA RUA — Os Padres da nossa Obra reuniram-se, aqui, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, a 22 de Agosto.

As nossas Casas de Portugal e de África estão entregues a todos eles, com muitas centenas de gaiatos.

O nosso Padre Manuel António, que por cá tem estado a descansar, já regressou a Benguela. Boa viagem!

Vitor («Botija») e Nuno José

TOJAL

POCILGAS — O encarregado das pocilgas, rapaz trabalhador e sossegado, faz o dever com boa vontade, sempre alegre e bem disposto. Mais alegre ficou quando uma porca teve os seus primeiros leitões. O moço saltitava de alegria, feliz, porque foi ele que ajudou a porca a dar à luz.

AMIGOS — Tivemos cá um grupo de voluntários americanos que vieram passar um dia connosco. Deram uma ajuda a caiar o muro, trabalho que seria para um mês e ficou reduzido a uma semana.

Depois do trabalho, almoçámos no refeitório. Foi maravilhoso tê-los recebido.

À tarde, eles deram um espectáculo no salão. Terminámos o convívio com um jogo de futebol de salão.

Os rapazes que estavam a pintar o muro ficaram contentes porque ficou pouco por fazer.

Em Casa, poucos percebem o Inglês. Mesmo assim, conseguimos comunicar uns com os outros por gestos.

FÉRIAS — Mais um ano chegou ao fim!

Os rapazes aproveitaram bem as férias, deram muitos mergulhos no mar, ficaram satisfeitos, alegres.

Agora, férias é só p'ro ano. Os que chumbaram não as tiveram para lhes servir de emenda.

VACARIA — O Zé Vicente, que trabalha na vacaria, está satisfeito porque, na manada, juntaram-se mais dois vitelos.

Muito feliz, soltou as vacas para pastarem.

VOLUNTÁRIAS — Temos connosco três raparigas voluntárias muito simpáticas.

RETALHOS DE VIDA

«Pauliteiro»



Sou o António José Barreta Martins. Puseram-me o nome de «Pauliteiro».

Nasci na freguesia de Santa Maria da Deveza, de Castelo de Vide, em 19 de Abril de 1985. Castelo de Vide, a minha terra, é muito bonita! Está aqui comigo, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, o meu irmão Nelson conhecido por «Capitão». Nós não tínhamos possibilidades de viver em nossa casa, com a nossa mãe. Passávamos muito mal. Andávamos na rua, a pedir...

Encontro-me na Casa do Gaiato, há cinco anos. Mas só estou, ainda, no terceiro ano da Escola porque tenho problemas de saúde. E vou aprendendo o ofício de serralheiro.

António José («Pauliteiro»)

Vida parada

De manhãzinha nasce o sol
Que dia-a-dia ilumina o meu viver.
Ele gira, gira como o girassol
Que tanto me agrada vê-lo girar e ser!

Ser como ele é o que eu mais quero,
Que a minha vida é parada
E fechada como um zero
E eu quero-a activa, aberta, iluminada.

Orlando

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 65.000 exemplares.

SETÚBAL

Delinquência infantil

TAMBÉM eu ando magoado com os assaltos e roubos feitos por crianças e jovens de Setúbal. Esta é a minha Cidade, que me tem dado vida, e a quem tenho retribuído a vida que Deus me dá.

As notícias vindas a lume causam-me profundo desgosto e acrescento que também nós temos sido vítimas de assaltos, roubos e ameaças sem que ninguém ponha fim a esta situação que vai crescendo.

Há muito que teria acabado com a distribuição d'O GAIATO se não teimasse a educar os rapazes para a sociedade em que vivemos, ensinando-os a evitar os perigos e dando-lhes a imagem real do que é a gente roubar e cair na miséria.

Ai de nós (deles) se não aprendermos a trabalhar e a ter iniciativas para ganhar a vida com honestidade. O hábito do trabalho é a maior riqueza e a melhor virtude.

Um maravilhoso vazidito confidenciava-me, há dias, que não gostava de estar cá:

- Então não gostas da comida?
- Ah, isso gosto!
- E do campo de futebol e da piscina?
- Gosto.
- Não tens cá amigos?
- Tenho.
- Não achas que gosto de ti?

— Acho.
— Então?
— *Cá trabalha-se e eu não gosto de trabalhar.* Arrancar as ervas, limpar as ruas, fazer limpeza, arrumar as mesas, lavar a loiça!... etc. — ele não gosta. Revolta-se. Frequentou «um colégio» onde se não trabalhava. Havia empregados para tudo!

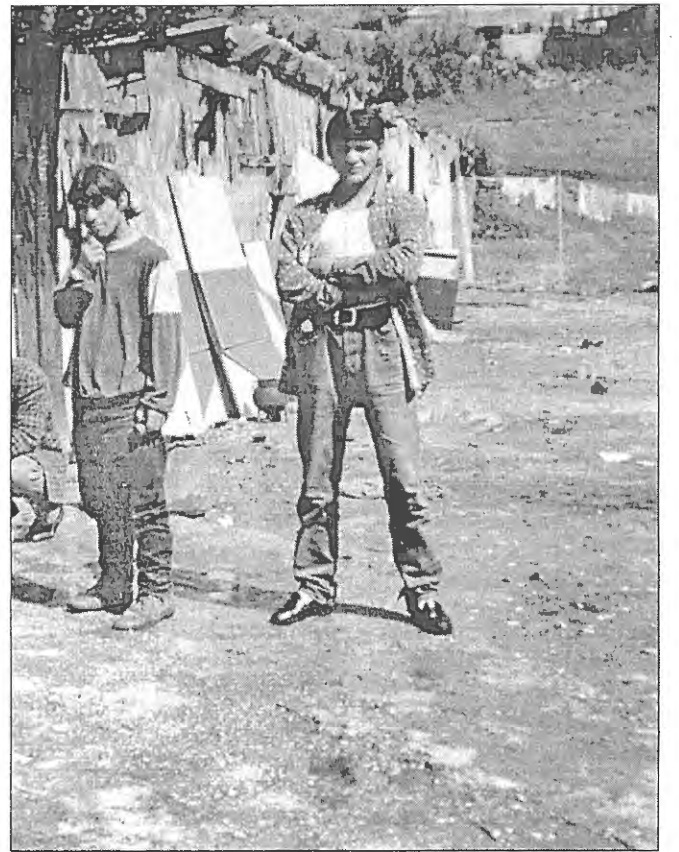
Fui a Évora ver o caso de um pequeno de quase treze anos que, durante o ano escolar passado, deu problemas na Escola e não teve aproveitamento nenhum. Já tinha batido na mãe e a Directora de turma doeu-se muito da situação e solicitou-me a sua entrada nesta Casa. Fui ver. Eram cinco filhos sem pai. O mais velho, de quinze anos, jogava, dentro de casa, à bola, com dois irmãos!...

— Então eles não trabalham?... — pergunto à mãe.
— Não. Ninguém lhes dá trabalho, não têm idade!... A lei não permite.

Combinámos o rapaz vir passar oito dias à Casa do Gaiato e, se quiser, fica; se não quiser, volta.

— *Aqui, trabalha-se!*
Não gostou. Não ficou.
As campanhas levantadas contra esta Casa do Gaiato por causa do trabalho?...

— *O Padre obriga os rapazes a trabalhar.*
Setúbal é uma Cidade de muita libertinagem!



As diversões nocturnas abundam. Tanta gente nova sem quaisquer princípios, ideias ou educação é vítima deste clima devastador!

Criou-se e alimenta-se um ambiente cultural degradante que aparece aos menores como padrão.

Há dias, na Casa da Arrábida, durante minutos, fui observar o que os rapazes viam na Televisão à hora do calor. Um actor desempenhava a figura de um homem boçal que se exprimia em brejeirices de toda a ordem. Passada meia hora já os pequenos usavam os mesmos termos, com toda a naturalidade, enquanto jogavam as cartas, à sombra das buganvílias, na esplanada.

Que esperam de nós, se não um crescendo progressivo de delinquentes? Não é isso que semeamos?

A meio do ano escolar, numa reunião de Encarregados de Educação, a Directora de turma desabafava, chorando, que só exercia a sua função de professora porque tinha de ganhar o pão para os seus filhos. Que os menores faziam nas aulas o que lhes apetecia e ainda ameaçavam os professores. Que nada conseguia deles com palavras ou exortações. Um desespero!

O ano passado, o Carlitos fez das boas na Arrábida. Só quando lá cheguei com ele soube das suas atitudes. Passados dias fugiu. A GNR foi lá levá-lo às duas horas da madrugada. Que não gostava de lá estar. Que o chefe lhe havia batido!... De tudo ele acusou a Casa do Gaiato. Valeu que o chefe com os responsáveis se levantaram com a Guarda a bater à porta. Ali se verificou que era invenção. No dia seguinte, mandei o Carlos arranjar as suas coisas e vir para Casa comigo. Organizou-se e pôs-se a pé. Às onze horas da noite foi ao Hospital do Outão dizer que tinha um pé partido. Averiguada a fraude, o Hospital chamou a GNR que o conduziu, de novo, à Casa da Arrábida. Um colaborador trouxe-o de carro para Casa. Fugiu. Fez uma tenda de plástico aqui perto e lá dormiu várias noites.

Numa manhã, alguém me disse que ele estava no quartel da GNR. Fui logo lá. Que não queria voltar para a Casa do Gaiato. Que o pai e a mãe é que o deviam ter.

Uma senhora, guarda, informou-me que estavam à espera de uma delegada do Tribunal. Retirei-me logo. À noite, telefonam-me da Cáritas:

— *Sabe quem está aqui? É o Carlitos. Não encontramos ninguém que o recebesse e pediram-nos para ele dormir aqui esta noite.*

Estranhei que ninguém nos contactasse. Era lógico e de bom senso. Mas não.

Não sei quem acolheu o Carlitos que vai fazer brevemente dezoito anos. Sei que ele não trabalha. Na Cidade faz a sua campanha contra nós, justificando, como é natural, com mentiras e calúnias a sua situação. Pelos rapazes vou sabendo notícias. Está de férias!...

Padre Acílio

Noventa e quatro anos

«Estou bastante velhinha, pois fiz noventa e quatro anos.

Neste momento encontro-me impossibilitada de andar, mas ainda consigo ler O GAIATO de que muito gosto.

Nas minhas orações diárias não me esqueço de rezar para que continuem a aparecer muitas e santas vocações sacerdotais. A partir de hoje rezarei, também, para que apareça a Mãe que tanto necessitam e desejam para Setúbal. Rezo ainda por vós para que

Os «Batatinhas» contentes porque têm alguém que os acarinja. Antes de se deitarem têm sempre um beijo de boa noite. É maravilhoso!

É bom tê-las aqui, junto de nós. Ficámos todos muito gratos por esta companhia.

MÚSICA — Temos estudado bastante, mas não temos evoluído muito por falta de instrumentos. Precisamos de instrumentos musicais para ver se, no próximo ano, possamos participar nas Festas grandes. Temos mensagem para transmitir: Alegria, tristeza, a realidade e a injustiça.

Abílio («Pequeno»)

Cartas

Deus vos ajude a continuar essa tão grande Obra.

Assinante 17345»

Os «senhores» do Mundo

«Nos tempos que estamos a viver, em que à custa de 'ajudar os Pobres', o egoísmo e o dinheiro são cada vez mais os 'senhores' do Mundo, só tenho pena que o vosso Jornal (claro que é utópico) não seja de leitura

obrigatória nas Escolas; que a sua mensagem não chegue àqueles que perderam o ideal da fraternidade, amizade, numa palavra — o verdadeiro sentido do Amor.

Cada vez se explora mais o sentimento (os meios de comunicação são responsáveis) pela sua vertente menos dignificante; e lembro uma palavra, ou melhor, uma frase do Dr. Augusto de Castro, quando Director do DN, em que dizia que o homem estava a descer à escala animal...

No meio disto tudo é bom sentir como a Obra da Rua continua no bom caminho. Que Deus sempre permita

que haja quem pertença, trabalhe e olhe por ela.

Assinante 28807»

Abre-nos os olhos

«O Jornal, através dos seus maravilhosos artigos, interpela-nos, responsabiliza-nos, abre-nos os olhos para a responsabilidade de sermos solidários com os que sofrem ou nada possuem.

Leio-o e releio-o, medito e, quando acabo a sua leitura, penso sempre como Deus é grande para dar Força aos Padres da Rua para seguirem em frente. Bem haja.

Assinante 28356»

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

PADRE HORÁCIO — Já deve estar em poder dos nossos associados a circular com o programa para 17 de Setembro, encontro que aproveitaremos para homenagear o nosso Padre Horácio.

No entanto, e por se tratar de datas comemorativas difíceis de atingir, ele teria segredado a alguém que gostaria que isso acontecesse, pelo que, mais à vontade, decidimos continuar os nossos propósitos.

Cinquenta anos de sacerdotício e, simultaneamente, os mesmos ao serviço da Obra da Rua, de acordo com a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, será colocado num jardim interior um medalhão de bronze preparado por um escultor da nossa Região. Custará umas centenas, mas esperamos resolver o assunto com algumas ajudas. Perpetuará a sua memória, num agradecimento dos antigos e novos gaiatos que por ali passaram.

Será uma cerimónia simples, mas participada.

O restante programa já consta do documento que enviámos, mas não queremos deixar de lembrar — aos que não têm conhecimento dele — que esperamos o maior número de presenças como prova do carinho e da amizade que nos foram dedicados durante vários anos, já que nada mais poderemos fazer.

Ainda que não possas comparecer logo de manhã ou até ao almoço, o dia prolonga-se e vens sempre a tempo, assim o esperamos.

ELEIÇÕES — Como complemento deste dia, haverá eleições para a nova Direcção. É de crer que teremos concorrência para o acto. Há sempre necessidade de alterações e de novas ideias, já que o trabalho propriamente dito não é muito, durante o ano, porquanto a correspondência não é demasiada. Muitos não dão sinal de vida! Forma a tua lista, escolhe meia dúzia de amigos e comparece como está indicado.

Esperamos que seja um dia para recordar e todos participemos para orgulho da nossa Associação.

Manuel dos Santos Machado

RECEBEMOS — De M.M., do Porto, dois vales de dez mil escudos. Carminda, do Porto, 8.000\$00. Assinante 20174, um cheque. Assinante 6313, anónimo, 5.000\$00.

Agradecemos a carta de Lígia, boa amiga que nunca esquece os Pobres, e o cheque enviado.

A todos os que se lembram de nós, votos de boas férias. E bem haja. Que Deus lhes pague.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Maria Germana e Augusto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— A viúva que vive com o filho casado e dois netos, em muito más condições, foi passar uns tempos com uma filha em Lisboa. Mudou de ambiente. Talvez seja bom para a senhora.

Outra, que também visitamos, senhora cancerosa, foi

PENSAMENTO

A Caridade não depende, não se sujeita. Vive por si mesma — e vive de amor! Não precisa de festas.

PAI AMÉRICO

África

Continuação da página 1

Em todo este arrazoado só encontramos a falsidade do dinheiro posto como instrumento de autonomização. Se calhar, melhor caminho para ela passaria pelo apagar na memória do primeiro mundo a existência do terceiro. Não mais as riquezas deste a seduzir aqueles. Elas ficariam em potência propriedade dos Povos que, por as terem, são cada vez mais explorados e empobrecidos, sobretudo no que respeita à sua dignidade, sobrevivência e paz. Deixá-los reencontrarem-se e determinarem-se. Depois da experiência havida, com certeza este regresso implicaria o custo de muitos sofrimentos — mas qual não é o sofrimento que aflige quase todos os Povos africanos continuando «reféns do primeiro mundo», em cuja boa vontade e bondade desinteressada custa tanto a acreditar?!

Esta ideia, nem a teria... se a não houvesse colhido da vontade expressa daqueles angolanos que a proclamaram

no «Manifesto para a Paz em Angola» que, depois de lá ter voltado, há um ano, aqui reflecti ao longo de várias quinzenas. Eles constituem, penso, a grande reserva para a difícil implantação da paz em Angola. E que dizem?:

— «Chegámos à conclusão de que só os angolanos entre si (em respeito mútuo aos diversos povos e culturas que formam o projecto da Nação Angolana) devem desenvolver o entendimento comum das causas assim como das consequências do conflito angolano. (...) Tem sido um erro sistemático atribuir a responsabilidade e o protagonismo da resolução do conflito nacional a estrangeiros».

Na verdade que sucesso se viu até hoje das intervenções estrangeiras? Pelo contrário, não é evidente que são elas o caldo de cultura que alimenta a guerra?! Para Angola, como para qualquer outro país africano (e quantos são os que não passam por crises profundas, quanto mais não seja de autonomia?) não é com «verbas, mesmo que duplicadas», que se resolvem os seus problemas fundamentais. É com homens, é com os seus cidadãos. Deixem-nos entender-se. Se for necessária medida tão drástica, não lhes comprem nem lhes vendam. Cesse a hipocrisia internacional que os envenena. E pelo preço ainda de muito sofrimento, com certeza, eles acabarão por encontrar-se e alcançar, finalmente, a sua autonomia.

Padre Carlos

Continuação da página 1

tação e colocá-los no limiar do progresso que nunca chegará para outros que continuarão como dantes.

Ouvi, hoje, na Rádio, enquanto vinha de viagem, alguém dizer que a ajuda internacional a África tinha de ser repensada. Muitas vezes as dotações esgotam-se em seminários, realizados nos melhores hotéis, até com assistentes que nunca irão fazer nada; no estudo de projectos executivos que ficam muito caros e depois o dinheiro já não chega, o projecto não se concluiu e fica tudo na mesma com imenso dinheiro desperdiçado.

Bem perto de nós foram implantados regadios, distribuídos pelo povo das

Moçambique

Aldeias. Por falta de uma extensão rural adequada e continuada, muitos que nunca colheram o suficiente, venderam a sua parte a pessoas que nem são do campo; outros nem sequer conseguiram pagar a água e tiveram de renunciar; e o que podia ser um pólo de desenvolvimento agrícola, estiolou. Alguém me disse que, no Norte, onde as terras são bem férteis, o Povo só planta no tempo das chuvas. Fora dele não aproveita mais porque não sabe preparar o chão para culturas irrigadas,

por falta de técnicos extensionistas que o acompanhe.

Moçambique é muito grande. A Capital fica mesmo ao fundo. Há pressa em colocar em ordem o que foi destruído e recuperar a riqueza perdida — mas o seu Povo não será a maior riqueza? Que Deus acompanhe, de modo especial, todos aqueles que em missão, nesta hora, estão ao lado deste Povo ajudando-o a abrir o caminho do seu futuro.

Padre José Maria

BENGUELA

Regresso a Angola

A sociedade será tanto mais saudável quanto mais saudável for a família. Células doentes fazem o corpo doente. A família é a célula. O corpo é a sociedade. Escrevo estas notas nas vésperas do meu regresso a Angola. Levo comigo a gra-

tidão por todo o bem que foi oferecido à nossa Casa do Gaiato de Benguela. Costumo dizer que o lugar que me toca é servir na trincheira da paz, onde a guerra consome vidas e bens impiedosamente. Por tudo o que Angola sofre, cada vez gosto mais da sua gente. Não levo outro desejo se não dar vida para que as crianças de Angola não morram; as mães se levantem com seus filhos e pre-

parem uma geração nova. Falo nas mães, por causa do papel preponderante que ocupam na educação. Os pais hão-de caminhar ao lado de suas mulheres. É uma trabalho longo e paciente. O educador só o é, de verdade, quando ama muito. E o amor é paciente. Nesta esperança quero viver e morrer.

Nesta metade do ano 2000, com a ordenação sacerdotal de dois novos

Padres para a Obra da Rua, experimentei, ao longo dos dias passados, como Deus é Pai que se revela escandalosamente, quando muito bem entende. Os seus dons são

sempre um apelo à conversão do coração na linha da unidade-comunhão. Obrigado!

Padre Manuel António

Malanje

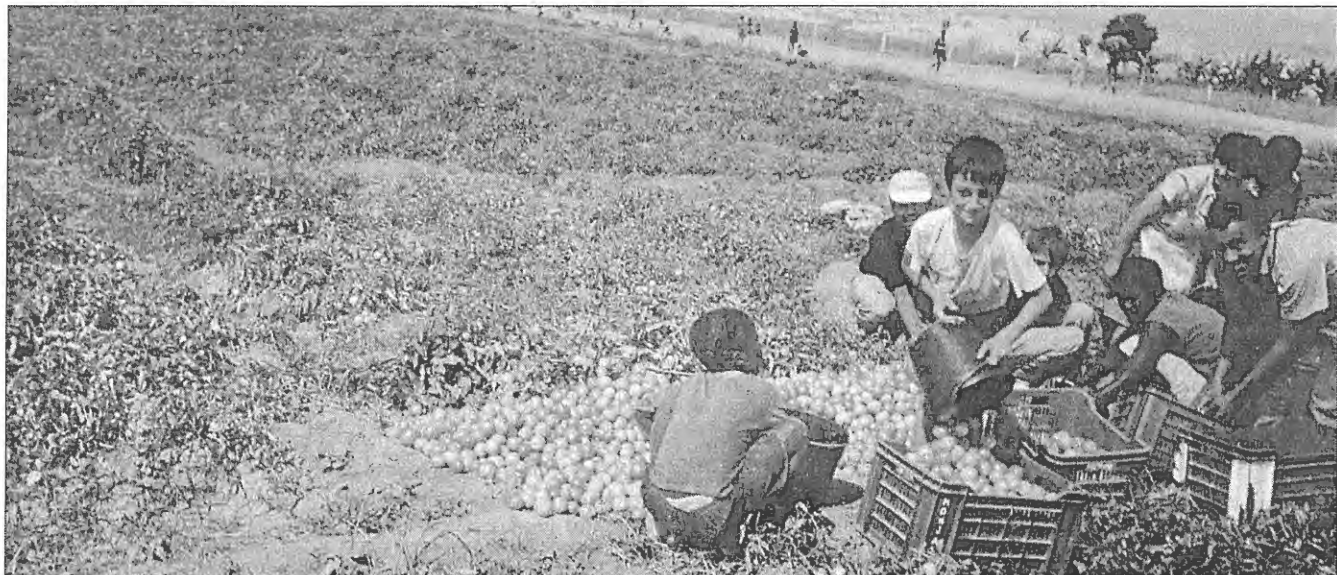
Padre Horácio, tantas recordações no chão de folhas que caíram e se fizeram saudade!

Grãos que ficaram nos sulcos de leiva e estão germinando... Eles darão espigas loiras! Será seara ondulante na campina de sol... Pingos de ouro bailando nas praganas!

Seara que nasceu do grão que apodreceu na terra molhada e afogada pelas mãos amorosas de tantos filhos!

O «até breve» É uma certeza do encontro no tempo e lugar que o Senhor vai marcar.

Padre Telmo



Servir na trincheira da paz

DOCTRINA



Esperar contra toda a esperança

HOJE, dia de festa de João Bosco, demorei-me no altar além do costume com desejos de pedir ao Santo que me dissesse algo das dificuldades da sua vida mortal, para alívio das minhas; mas ainda não chegámos aos tempos de comunicar com os mortos, nem as experiências são coisas de transmitir. Ele foi, no seu tempo, o apóstolo do garoto das ruas. Os biógrafos dizem o que ele fez, não o que sofreu. E como nada se pode saber, eu tenho de continuar sozinho os meus passos dolorosos, porque quem ama tem de sofrer.

ATÉ à data vivia-se em Paço de Sousa com a pequenina comunidade vinda de Miranda do Corvo, rapazinhos nossos que foram da rua e hoje afeitos ao trabalho. Era terreno conquistado, vida deliciosa e a gente já tinha esquecido as dores de os pôr naquela afinção. Porém, começaram agora a afluir garotos das ruas do Porto. É o tipo clássico do vadiozito, errante, ligeiro, atrevido, dominador do espaço. Não conhece limites. Não entende ninguém. Sente a fúria das ruas, da pedincha, do desalinho: — *Quero-me ir embora. Ora este é precisamente o ponto rubro das dificuldades que estas Obras oferecem. São da essência. Elas são até a sua própria natureza; mas esta compreensão não nos tira a dor. O pequeno vadio que não suporta o clima das nossas Casas, enquanto não se adapta, inventa fome e tormentos para fugir delas e encontra eco nos que o escutam: — Coitadinho do menino!*

A mágoa do povinho que os acredita é toda a nossa dor; é o mais acerbo inimigo destas Obras. Por isso quis hoje falar com João Bosco, no altar; e pedir-lhe que me ensinasse o caminho. Quis, sim, mas não foi necessário; falou por ele a Sagrada Escritura. Chegado que fui ao *Communio*, li o versículo: «Acreditou contra toda a esperança». Sim, acreditou. No meio de todas as dificuldades — e até por causa delas — esperar contra toda a esperança é o caminho.

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)